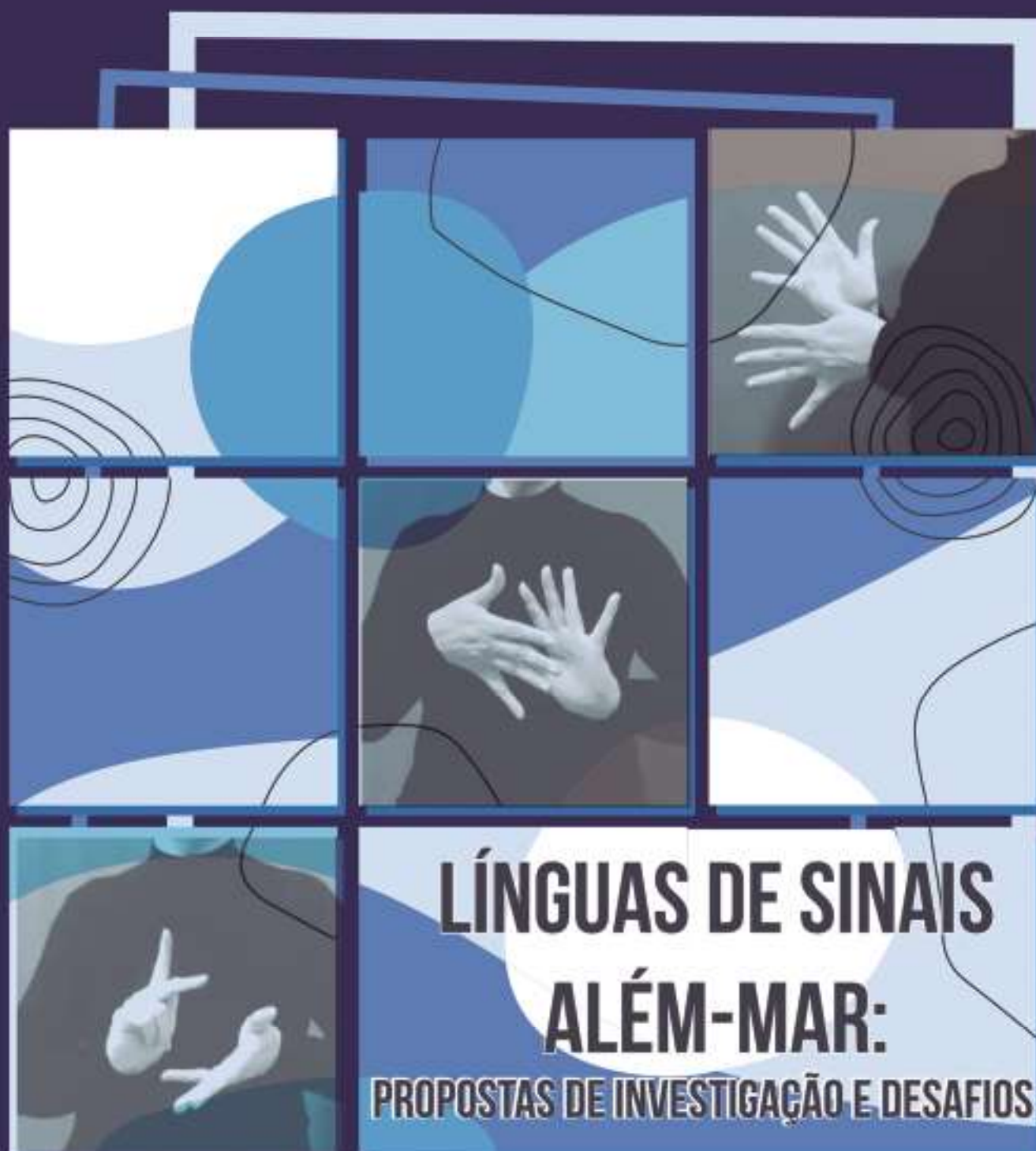


ISABEL SOFIA CALVÁRIO CORREIA
PEDRO BALAUŠ CUSTÓDIO
RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS
(Orgs)



Isabel Sofia Calvário Correia
Pedro Balaus Custódio
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos
(Organizadores)

**Línguas de sinais além-mar:
propostas de investigação e desafios**

São Paulo
e-Manuscrito
2022



e-Manuscrito

www.emanuscrito.com.br

emanuscrito@uol.com.br

Tels: (11) 5978-4547 / (11) 97171-3871

CNPJ: 18.353.444/0001-76

C824l Correia, Isabel.
C987l Custódio, Pedro Balaus.
C198l Campos, Ronaldo Manassés.

Línguas de Sinais Além-Mar: propostas de investigação e desafios.
Isabel Correia (Org); Pedro Balaus Custódio (org); Ronaldo
Manassés Campos (org). São Paulo: e-Manuscrito, 2022.

105 p
ISBN 978-65-86723-72-4

1. Línguas de Sinais 2. Interpretação em Línguas de Sinais
3. Terminologia linguística 4. Línguas Gestuais

CDD 490
CDU 81.22

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Angela Maria Roberti Martins (UERJ)	Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves (UFJF/MG)
Prof. Dr. Antonio Castillo Gómez (UAH/Madrid)	Prof. Dr. Luis Balkar Peixoto Pinheiro (UFAM)
Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior (UFPA)	Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira (UNISANTOS)
Prof. Dr. Antonio Rago Filho (PUC/SP)	Prof. Dr. Manolo Garcia Florentino (UFRJ)
Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior (UFRN)	Profa. Dra. Maria Cristina Dadalto (UFES)
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff (UFSC)	Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos (PUC/SP)
Prof. Dr. Fernando de Sousa (CEPESE/Portugal)	Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas (UFCE)
Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)	Prof. Dr. Oswaldo Truzzi (UFSCar)
Profa. Dra. Glaura T. Nogueira Lima (UFTM/MG)	Profa. Dra. Tania Regina de Luca (UNESP/Assis)
Prof. Dr. Henrique Alonso Pereira (UFRN)	Profa. Dra. Valéria Aparecida Alves (UECE)
Prof. Dr. Iranilson Buriti (UFCEG/PB)	Prof. Dr. Vitorio Capelli (UNICAL/Itália)
Profa. Dra. Iara Beleli (UNICAMP)	Profa. Dra. Yvone Dias Avelino (PUC/SP)
Prof. Dr. João do Prado F. de Carvalho (UNIFESP)	

Todos os direitos reservados à e-Manuscrito.

Copyright © 2022 Isabel Correia; Pedro Balaus Custódio;

Ronaldo Manassés Campos (Orgs)

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da e-Manuscrito.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade de seus autores.

Editores responsáveis: Gustavo F. S. Ferreira e Karina Cobo Bardavira

Capa: Gustavo F. S. Ferreira e Karina Cobo Bardavira

Arte Primeira capa: Ruan Cardoso de Oliveira. Foto: Josy Vitória Macedo

Aproximações e distanciamentos lexicais em línguas de sinais: as frutas

Isabel Correia¹

Rafaela Silva²

Ronaldo Manassés Rodrigues Campos³

Introdução

O projeto além-mar surgiu com o intuito de refletir sobre as semelhanças e distanciamentos entre as línguas de sinais do Brasil (Libras), no tocante aos usos do Amapá, e de Portugal (LGP). Assim, nesses quase cinco anos de pesquisa, pesquisadores do Amapá e de Coimbra têm se debruçado sobre alguns grupos de sinais, buscando analisá-los. E, nessa perspectiva, é importante mencionar que o Brasil é um país continental, e o número de usuários de Libras, por conseguinte, é enorme. Portanto, deve-se ter em mente que essas análises e reflexões se dão em torno de sinais da Libras usada no estado do Amapá, em sua capital, Macapá. Cidade localizada no extremo Norte do país, com muitas regionalidades e singularidades, que proporcionam, além de questões linguísticas, questões antropológicas e sociolinguísticas acerca dos usos e da constituição dos sinais em Libras. O projeto, como sempre costumamos mencionar, ainda é uma gotinha frente ao Amazonas (nosso rio-mar de água doce), às necessidades e possibilidades de reflexão que se pode e temos a fazer sobre essas duas línguas de sinais.

Assim, este pequeno capítulo pretende dar a conhecer parte da pesquisa que temos levado a cabo, assente na descrição lexical de sinais de ambos os idiomas. Privilegiamos uma abordagem linguístico-cultural com o intuito de comparar a representação gestual dos

¹ Instituto Politécnico de Coimbra- Escola Superior de Educação. Contato: icorreia@esec.pt

² Instituto Politécnico de Coimbra- Escola Superior de Educação. Contato: rafaelacsilva@esec.pt

³ Universidade Federal do Amapá. Contato: r.manasses@unifap.br

referentes, buscando entender a sua motivação e devir histórico. Este nosso contributo centra-se na descrição de sinais do campo lexical das frutas, procurando observar e entender as aproximações e distanciamentos linguísticos. Seleccionamos alguns hipônimos do campo das frutas e os apresentamos acompanhados de algumas hipóteses quanto à sua concretização.

1 - Línguas de sinais além-mar: Portugal e Brasil

1.1 Língua Gestual Portuguesa/ Língua de Sinais Portuguesa

A Língua Gestual Portuguesa (LGP) ou Língua de Sinais Portuguesa (LSP), como foi recentemente nomeada, é o idioma da comunidade surda portuguesa. A terminologia em torno da nomeação dessa língua carece de investigação e consenso. De um lado, os autores Correia e Custódio (2019) propuseram a terminologia Língua de Sinais Portuguesa em vez de Língua Gestual Portuguesa considerando a história do português, o registo do termo *sinais* em documentos relacionados à educação de surdos datados dos séculos XIX e XX, o uso dessa nomenclatura por todas as outras línguas românicas e o fato de ser esse o termo no português do Brasil. De outro lado, não se tem conhecimento de documentos que atestem a razão da escolha do termo “gestual”, ao qual a comunidade surda reagiu com estranhamento e recusa.

Considerando que ainda não há evidências diacrônicas ou sincrônicas na esfera da investigação científica que atestem e validem o uso do vocábulo gestual, sendo esta publicação lusófona, tratando este capítulo de reflexão em torno de vocábulos das línguas visuais de Portugal e Brasil, usamos a terminologia “língua de sinais”. Essa opção assenta na nossa proposta anterior e também na escassez de dados que a invalidem. Além disso, a escrita torna-se mais fluida se nomearmos ambos os idiomas usando o mesmo adjetivo; ou, sempre que

tal não prejudique a leitura, e respeitando a instabilidade terminológica, usemos ambas as designações a par.

Depois desta brevíssima explanação sobre os termos a usar, convém esclarecer que, ao contrário do português, idioma que nos une para além do atlântico, a LSP/LGP e a Libras não são o mesmo idioma. Ambas têm percursos históricos diferentes e, portanto, concretizações distintas. Sendo dois países geograficamente tão distantes, as comunidades têm também de se acomodar ao meio em que vivem e às culturas que o enformam. Assim, como se sabe, a LGP/LSP começou nas primeiras escolas de surdos, que remontam ao ano de 1823, quando da vinda do professor sueco Per Aron Borg. Aí se reuniam surdos para aprender a ler e a escrever o idioma luso, mas aí também floresceu a LGP/LSP pelo contato entre pares e pela necessidade de estabelecer um sistema de comunicação, como a seguir podemos constatar a partir da descrição dos horários de discussão em torno dos gestos/sinais:

A aprendizagem dos sinais dispunha de mais de duas horas. Todas as 4^a feiras e sábados entre as 11h00 e as 12h00 para proceder à regularização de novos signaes. Tratava-se de signaes captados pelos discipulos e faziam referência ao novo vocabulário ministrado pelos mestres durante a semana. (ANTT/MR/ Negócios Diversos/ “Negócios do Reino”, mç. 1922)

Assim, é da interpretação cultural e social que nascem os vocábulos visuais, bem como do contato com a língua maioritária, na sua forma oral ou escrita, ou de empréstimos de outras línguas visuais, cada vez mais recorrentes e potencializados por novas tecnologias.

1.2 A Libras, um cotejo histórico

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida pela Lei nº 10.436/2002, contudo, até esse reconhecimento, um longo caminho se deu, com surdos sendo proibidos de usar os sinais, falta de reconhecimento da língua como

possibilidade de comunicação e interação social de surdos, e isso por um longo período de tempo.

Em 1854 foi fundado na cidade do Rio de Janeiro o Instituto Imperial de Meninos Surdos e Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos. Ali começou a trajetória sociocultural da língua de sinais no Brasil. D. Pedro II, a partir de um decreto imperial, constituiu o espaço para abrigar meninos surdos, o que consequentemente impulsionou o uso de uma forma de comunicação mais estruturada, que posteriormente seria chamada de Libras. Uma língua baseada na estrutura espaço-temporal, em que seus usuários utilizam as mãos para estabelecer comunicação.

De acordo com Campos (2017), no Amapá a Libras teve seu espaço inicial nos idos de 1974, numa das primeiras escolas de Educação Especial, como chamavam na época, pois nela muitos surdos passaram a se concentrar, uma vez que se tornaram alunos e corriqueiramente encontravam-se nos corredores, por isso as interações eram constantes, incentivando e fortalecendo o uso da língua.

Além das diferenças, a LSP/LGP e a Libras têm também propriedades comuns pela modalidade que as caracteriza e pelo fato de a comunidade surda mundial ter entornos comuns, tais como a opressão, o oralismo, a feição minoritária e a extrema capacidade visual de interpretar o mundo. Dessa forma, esses idiomas, distintos, têm fatores em comum, tais como a interferência do português na construção de signos gestuais, o recurso a estruturas classificadoras, isto é, que predicam algo sobre o referente extralinguístico que representam, a diversidade linguística e a instabilidade lexical.

No caso do Brasil, pela sua extensão e densidade populacional, a diversidade é significativa, e também por isso nos atemos neste capítulo a uma variedade dialetal específica. Já no que diz respeito a Portugal, ainda que haja variação dialetal consistente, pela dimensão territorial e da comunidade, é mais simples selecionar vocábulos estáveis e comuns no país. Todavia, tal como noutras

comunidades linguísticas, a LGP/LSP carece de um registo formal dos signos usados, o que, até em léxico frequente e ativo, pode provocar hesitações sobre a execução do significante.

Essas duas línguas têm igualmente processos morfossintáticos comuns que importa referir no âmbito deste capítulo. Referimo-nos à marcação de gênero, ou seja, a LSP/LGP e a Libras são sistemas de gênero natural (Corbett, 1991), marcando apenas o feminino nos referentes animados e correlatos. Os processos que regem o número são também semelhantes, destacando-se o uso de quantificador e a repetição do afixo movimento (Correia, 2020). A marcação de tempo, aspecto, modo, pessoa e número também se socorre de marcadores semelhantes, havendo distinções nos marcadores não manuais, mas muitas aproximações nas locuções verbais, com recurso a advérbios e outros marcadores temporais. A organização sintática também é parecida, verificando-se, atualmente, em ambas as línguas interferências da sintaxe do português.

Em suma, o que distingue os idiomas centra-se no léxico e na representação visual dos referentes extralinguísticos, sendo os processos de organização similares. Por isso, e com o intuito de perceber as marcas diacrônicas nos idiomas, a impressão cultural na constituição do léxico, propomo-nos a observar sinais lexicais, logo, *a priori*, distintos, mas assentes num processo comum, a iconicidade, ou seja, a representação linguística do referente com base na sua forma, tamanho, disposição, ação e propósito (instrumentalização). Para isso, escolhemos referentes comuns aos dois países e procuramos aferir se as águas do Atlântico permitem que os signos gestuais de ambos os idiomas se distanciem ou se aproximem.

2 - Metodologia

O presente trabalho se assenta numa metodologia de investigação que tem como ponto de partida a seguinte questão: quais são as aproximações e os distanciamentos entre a Língua de Sinais Portuguesa e a Libras no estado do Amapá?

Numa primeira fase, pretendeu-se estudar um corpus linguístico constituído por léxico comum, concreto, contável, do campo lexical *fruta*. A escolha desse tema específico relaciona-se com a hipótese colocada de que, pela natureza de representarem frutos, referentes com formatos próprios e cores distintas, os sinais poderiam apresentar algum tipo de relação icônica com o referente e, conseqüentemente, maior visualidade e semelhança. Assim, foram selecionados alguns sinais que representassem frutos que existissem em ambos os países, Portugal e Brasil, e fossem consumidos pelos habitantes, nomeadamente: banana, laranja e maçã. E outra categoria de frutos provavelmente mais consumidos no Brasil, mas que, ainda assim, também o são em Portugal, a saber: abacaxi/ananás⁴, manga, papaia, mamão e açaí. Essa escolha se deu pela possibilidade de assim sermos capazes de fazer uma análise comparativa entre as duas línguas de sinais.

Os sinais a serem estudados foram produzidos por dois informantes surdos, adultos, docentes de língua de sinais – um de LSP e outro de Libras – e ambos fluentes no uso da língua de sinais do seu país, tendo os dois já trabalhado com vários níveis de ensino e com diferentes públicos constituídos por surdos e ouvintes.

Assim, foi apresentado ao informante surdo uma lista em que constavam diferentes nomes de frutos e foi pedido, de forma livre, que produzisse o sinal (ou sinais) referente a cada fruto. Vale realçar que os investigadores não produziram anteriormente o sinal, de forma a não

⁴ Apesar de haver diferenças entre esses dois frutos, o consumidor comum nem sempre os distingue.

influenciar aquilo que seria produzido pelo informante surdo, recorrendo apenas à datilologia do nome do fruto. Os vídeos foram capturados todos no mesmo dia e no mesmo espaço, não havendo mudanças temporais e/ou físicas que pudessem, de alguma forma, influenciar o informante. Após gravação, os investigadores procederam à análise dos sinais no sentido de apurar semelhanças e diferenças entre os gestos da LSP e da Libras. Os vídeos podem ser consultados nos seguintes links: <https://youtu.be/n3gYXXpv4rc> para a LSP e <https://youtu.be/wArNj4nrLGQ> para a Libras.

3 - Libras e LSP: aproximações e distanciamentos

A iconicidade é mais evidente nas línguas de sinais do que nas orais. Um dos motivos para tal é o fato de as LS serem línguas em que a produção dos sinais é feita com as mãos, envolvendo movimentos no espaço, o que se assume como algo mais concreto e palpável (Nunes, 2013). De certo modo, a iconicidade “[...] permite ao indivíduo traduzir a realidade em signos” (Teixeira & Cerqueira, 2016, p. 15), isto é, possibilita a representação de um referente do mundo através de um sinal cuja forma se assemelha à realidade. Todavia, é de realçar que uma língua de sinais não é apenas constituída por sinais icônicos e que os que o são apresentam, ainda assim, diferentes níveis de iconicidade, sendo alguns representativos da forma exatamente igual à realidade e outros apenas pseudoicônicos, não apresentando um grau de transparência tão evidente (Correia, 2015).

Foram analisados diversos sinais tendo por base o seu grau de iconicidade e de semelhanças entre significantes de ambas as comunidades. Assim, foi possível verificar uma aproximação através da existência de sinais usados para o mesmo referente que são extremamente semelhantes na LSP/LSP e na Libras. Exemplos disso são os sinais BANANA e MAÇÃ, como é visível em <https://youtu.be/n3gYXXpv4rc> e <https://youtu.be/6Mwe3pTrRAU>.

Taub (2000) defende que a iconicidade se reflete numa semelhança que é possível verificar entre a forma de um elemento linguístico e o seu significado. Nesse contexto, percebemos que há também uma iconicidade representada através da relação entre o fruto e uma característica a ele associada: a maneira como se descasca a banana e a forma como se pode comer a maçã se refletem no sinal que identifica o respetivo fruto. Assim, é possível colocar a hipótese de que esse grupo de sinais são semelhantes na LSP e na Libras devido às características físicas que envolvem o manuseamento do fruto, isto é, os sinais que os identificam são metonímicos, uma vez que estão diretamente ligados à realidade que representam, sobressaindo uma característica mais evidente que assenta na forma de comer o fruto, ou seja, a iconicidade assenta na ação.

Esta análise permitiu também perceber que alguns dos sinais, apesar de icônicos, apresentam distanciamento, isto é, são sinais com motivação icônica, mas com significante distinto entre LSP/LGP e Libras. Os exemplos encontrados para a LSP foram: LARANJA, MANGA, PAPAIA e MAMÃO, como se vê aqui: <https://youtu.be/n3gYXXpv4rc>. E <https://youtu.be/Be2dFlwgJas> em Libras.

O sinal LARANJA corresponde à forma como se descasca a laranja à mão, arrancando a casca; o sinal MANGA representa a forma oval do fruto, ou pode estar relacionado com a sua textura e a forma como se come; o sinal PAPAIA representa a forma como se come o fruto, isto é, usando uma colher depois de o abrir ao meio; por último, o sinal MAMÃO tem uma primeira parte exatamente igual ao sinal PAPAIA, sendo que depois é produzido um classificador de forma que indica um tamanho maior. O sinal usado para ananás/abacaxi assenta na forma do referente.

Considerando agora os mesmos exemplos em Libras (<https://youtu.be/AneOmuBhc8U>), verifica-se que o sinal de LARANJA é o mesmo sinal para SÁBADO: a

mão fechada fazendo um movimento de amassar o fruto na direção do queixo do sinalizante. O sinal de MANGA, a mão em M tocando o queixo na horizontal, fazendo uma menção a como o caroço fica após a retirada da massa da manga. Já o sinal de MAMÃO representa a forma como se come o fruto, exatamente igual o sinal de PAPAIA em LSP; o sinal de PAPAIA, que no Brasil em alguns lugares se chama mamão também, não tendo nenhuma diferença, em Libras se constitui de forma icônica na forma do fruto, que é maior e mais oval, então as mãos se juntam em forma oval e se afastam, formando no espaço o desenho do fruto. Já o sinal de ABACAXI em Libras faz referência à forma como se descasca a fruta para então ser consumida.

Assim, mais uma vez, a representação dos referentes ocorre através de significantes que reproduzem a forma do fruto e a maneira de o comer. Na sua maioria, o sinal é composto por um classificador de forma e uma forma verbal que indica a maneira de comer, assente no agente, ou o sinal em si representa a ação de comer a fruta ou de a preparar para esse efeito.

Deixamos para último lugar o sinal que representa AÇAÍ. Como se verifica, esse significante ainda não está estável em LGP/LSP, pois, supomos, o consumo desse fruto ainda é recente em Portugal. O nosso informante refere que o sinal usado aqui é um empréstimo da Libras, o que se confirma neste trabalho. Além disso, a Libras, na variedade por nós estudada, tem até mais do que um sinal para esse significado, uma vez que é um fruto muito comum na região e consumido em diversos formatos, desde suco até farinha, entre outros. Por isso, a história desse sinal é muito interessante e faz uma grande conexão com a cultura local, ribeirinha, ou seja, de pessoas que moram nas margens dos rios na região Amazônica.

Para retirar o açaí do fruto, depois de retirado da árvore e dos seus ramos ou cachos, é comum nessas regiões, que em sua maioria não dispõem de energia elétrica, colocá-lo submerso em água a mais de 100°C, para que a massa se solte do caroço. Depois, é colocado

numa espécie de crivo, feito de palha, conhecimento e técnica adquirida secularmente com os indígenas. Nela os caroços são amassados, acrescentando-se pouco a pouco água. O açaí então é retirado como uma espécie de vinho grosso, portanto, quem está manuseando faz movimentos circulares com a peneira para que o líquido desça no recipiente que está logo abaixo. Com isso, o sinal ficou iconicamente ligado a esse movimento das mãos, abertas uma próxima da outra, movimentando-se em círculos.

De acordo com Gomes (2012), a sociolinguística interacional é um campo de estudo que possibilita o diálogo entre a linguística, a sociologia e a antropologia, ou seja, estabelece um diálogo entre linguagem, cultura e cognição, sendo possível perceber no sinal de AÇAÍ em Libras um constante diálogo entre a cultura ribeirinha, as interações sociais e a linguagem de forma mais ampla.

Como anteriormente já indicamos, os sinais de BANANA e MAÇÃ são similares, apontam para a ação de descascar/comer o fruto em ambos os idiomas, apenas a configuração de mãos se altera, sem, a nosso ver, significado distintivo que revele uma base etimológica distinta. O sinal de MAÇÃ na Libras parece reproduzir não só a forma de comer o fruto, mas a ação de o colher da árvore, o que pode ser condizente com o meio natural envolvente e evidenciar um conservadorismo linguístico maior, uma vez que, por um lado, o sinal é composto, e a redução costuma acompanhar a modernização linguística, e por outro retém um costume já não tão evidente nos dias de hoje que é apanhar e comer o fruto.

Já o sinal de LARANJA, ainda que muito distinto em termos de significantes, tem também em sua base uma ação: descascar na LGP/LSP; espremer na Libras. Algo similar se pode dizer para os sinais de MAMÃO, que em ambas as línguas assentam na forma de comer o fruto. O sinal de MANGA na Libras é o mais arbitrário, pois, ao que parece, a sua concretização não se baseia nem na forma, nem em ação alguma. Importa saber a história da criação

e evolução desse sinal para apontarmos hipóteses mais assertivas além da que aqui aduzimos.

O sinal de manga em Libras, de acordo com nossa interlocutora, não tem motivação conhecida, o que não é surpreendente, pois a maioria dos surdos desconhece a história e etimologia dos sinais. Contudo, ela mesma, ao ser interpelada, foi buscar informações acerca do sinal com outras professoras surdas. Nisso ficamos com mais uma hipótese, a de que o sinal teria sido criado tendo em vista como o caroço da fruta fica depois de consumida, ou seja, sem a massa, fica ressecado, geralmente na posição horizontal, bem fino. Mas ainda há a possibilidade de se ter considerado que, em janeiro e fevereiro, quando temos o chamado inverno amazônico e as chuvas são muito intensas, é comum as mangueiras ficarem carregadas de frutos, que, ao amadurecerem, caem em grandes quantidades e vão solidificando no chão na posição horizontal.

No seu trabalho, Frydrych (2012) questiona por que a iconicidade não é idêntica em todas as línguas de sinais, isto é, por que razão a relação sinal-referente se produz de forma distinta em línguas de sinais diferentes. Nesta pesquisa confirmamos que tal acontece, e a hipótese para esses distanciamentos é fundamentada por Taub (2001), que afirma que existem diferentes possibilidades de representações icônicas para um único referente. A autora detalha essa ideia referindo que um sinal pode representar diferentes partes de um referente ou usar perspectivas distintas. Nesse sentido, verificamos que tal acontece com os sinais da LSP e da Libras, isto é, o mesmo fruto é representado através de formas diferentes, mas que apresentam algum tipo de semelhança física com o referente em questão. Em Libras, no sinal usado em Macapá, uma das mãos fica com a configuração em M na horizontal e toca o queixo, o que, de acordo com nossa informante surda, pode ser em virtude do formato do fruto depois de consumido.

Isso acontece porque essas frutas podem, eventualmente, ter características formais semelhantes e ser comuns em ambos os países. Dessa forma, como anteriormente dissemos, a relação entre a cultura e a identidade de cada comunidade surda é crucial na interpretação do mundo e na sua codificação linguística, sendo, porém, natural que referentes que sejam parte da cultura mundial, como a maçã e a banana, se assemelhem, e outros se distanciem, como a manga, ou só parcialmente se aproximem, como o mamão e a papaia. O açaí, como se viu, apenas tem criação cultural no Brasil, sendo para a LGP/LSO um empréstimo.

Em suma, a iconicidade e a criação de sinais com recurso à metonímia – ou seja, toma-se uma parte ou uma função do referente para se criar o sinal – é uma característica presente em todas as línguas de sinais, todavia, não é possível dizer que essa se manifesta de forma idêntica em todas as línguas. Tal acontece porque o processo de criação de um sinal icônico não passa apenas por uma questão de semelhança entre a forma do referente e o sinal que o representa, é algo muito mais complexo. A importância que cada comunidade de surdos atribui quer à forma do fruto quer à maneira como é ingerido é que determina a forma do sinal, e isso é algo motivado pelas experiências humanas vividas no seio dessa comunidade e que são influenciadas pela cultura inerente a esse grupo (Taub, 2001).

Conclusão

Após esta brevíssima descrição de alguns hipônimos do campo lexical da fruta, podemos retirar algumas conclusões. Uma delas é que a gênese na criação dos sinais assenta na modalidade visual da língua. A comunidade surda vê os referentes e codifica-os consoante aquilo que o seu olhar retém, o seu cérebro interpreta e o uso social que a comunidade atribui ao referente. Não é de todo nosso objetivo com este pequeno trabalho afirmar que

a LGP/LSP e a Libras são, afinal, idiomas idênticos. Se estendêssemos esta pesquisa a outras línguas de sinais, possivelmente, iríamos também encontrar semelhanças e distanciamentos. O campo lexical escolhido é comum em larga escala, ou seja, são produtos conhecidos pelas duas comunidades e com características similares. Aqueles que não o são baseiam-se no costume social de os consumir ou, em último recurso, a língua socorre-se de um empréstimo. A comunidade precisa conhecer o referente de forma continuada para que o significante que o representa faça parte do léxico comum. Seria interessante perceber se em outras línguas de sinais a ação também representa a fruta, em vez da forma, e, a ser assim, se o faz nos frutos de conhecimento geral ou em outros. Outra via de estudo pertinente seria aferir se os sinais dos frutos então menos conhecidos aqui e em Portugal, como a manga, a papaia ou o mamão, foram em tempos empréstimos da Libras ou de uma língua de sinais africana, ou se foram criados pelo costume da comunidade portuguesa de os consumir.

Ainda se faz necessário dizer que nas línguas de sinais as questões culturais são fortemente conservadas. A exemplo da história do sinal de AÇAÍ em Libras, mesmo as cidades passando por um processo natural de cosmopolitização e crescimento, o sinal guardou como referência icônica a forma ainda antiga de se fazer açaí nas comunidades ribeirinhas do Amapá e do Pará. O que reforça as questões sociolinguísticas das línguas, que sempre estão entrelaçadas nas estruturas de quaisquer línguas e jamais podem ser deixadas de lado numa análise.

Referências

Campos, R. M. R (2017). *Ecos do Silêncio: culturas e trajetórias de Surdos em Macapá*. Doutorado, Unifap, Macapá.

Carvalho, P. V. (2007). *Breve História dos Surdos em Portugal*. Lisboa: Surd'Universo.

Corbett, G. (1991). *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.

Correia, I. (2015). Línguas e Linguagens. Língua Gestual Portuguesa e Português. *Exedra: Revista Científica*, Número temático – Educação Especial: contributos para a intervenção, pp. 100-108.

Correia, I. (2020). O Parâmetro Movimento na L+ingua de Sinais Portuguesa. *Dedica: Revista de Educação e Humanidades*, 20, 41-56.

Correia, I., & Custódio, P. (2019). Do Gesto ao Sinal: reflexões sobre terminologia linguística. In I. Correia, P. Custódio, & R. Campos, *Línguas de Sinais. Cultura, Educação, Identidade* (pp. 59-74). Lisboa: Sítio do Livro.

Frydrych, L. (2012). Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. *ReVEL*, 10(19), 281-294.

Gomes, Y. L. (2012). Sociolinguística e o ensino de língua materna: análise das interações em sala de aula. *Anais do SIELP*. 2. Uberlândia: EDUFU.

Nunes, V. (2013). Iconicidade e corporificação em sinais de Libras: uma abordagem cognitiva. *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações*, 7, 245-253.

Taub, S. (2000). Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications. *Spatial Cognition and Computation*, 2, 31-50. doi: <https://doi.org/10.1023/A:1011440231221>

Taub, S. (2001). *Language from the body: iconicity and metaphor in american sign language*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

Teixeira, E., & Cerqueira, I. (2016). O problema da iconicidade na eliciação de sinais caseiros. *Revista Letrando*, 4, 8-21